

## Apresentação:

# Dossiê Geografias sensíveis: paisagens, territórios, fronteiras

RONALDO MACEDO BRANDÃO  
TATIANA SAMPAIO FERRAZ (Orgs.)

Esta edição, em seu processo de finalização, acontece no meio da pandemia causada pelo Covid-19. Confinados e cercados de notícias e dúvidas de como sairemos deste momento histórico que a humanidade vive, seguimos preparando a revista. Observa-se a forma como todos os países do mundo agem diante do mesmo inimigo e desafio. Num mundo cada vez mais mediado pelas trocas globais, nossos deslocamentos foram temporariamente suspensos; já não sabemos ao certo o alcance das fronteiras da circulação dos nossos corpos. A geografia real e sensível revela-se plena de mistérios e inquietações.

■ 12

Não há como não se mobilizar diante das mudanças verificadas no mundo contemporâneo – sejam elas ambientais, sociais, culturais, políticas ou econômicas. A aceleração dos fluxos globais, de pessoas e de coisas, inaugurou uma nova geografia no mapa mundial. Por outro lado, enquanto esses fluxos se intensificam globalmente, novos limites se impõem e são impostos ao ir e vir local – cuja paisagem urbana é cada vez mais tomada por dispositivos de cercania e vigilância – muros, cercas elétricas, câmeras, concertinas, alarmes, catracas etc.

Demarcações territoriais de diferença, (micro)políticas de construção de identidade, migrações e pertencimento, são alguns dos assuntos que vem mobilizando pensadores e artistas na atualidade. Para o filósofo camaronense Achille Mbembe, apesar das políticas de separação, existe um único mundo apenas:

Por mais que insistamos em criar fronteiras, erguer muros, diques e cercas, dividir, selecionar, classificar e hierarquizar, tentar excluir da humanidade aqueles e aquelas que desprezamos, que não se parecem conosco ou com quem pensamos não ter nada em comum à primeira vista, existe um único mundo apenas, e todos temos direito a ele. Em princípio, ele pertence a todos nós, igualmente; somos todos seus herdeiros, por mais que nossas maneiras de habitá-lo variem. Daí, justamente, a pluralidade de formas culturais, linguagens e modos de vida que existem.” (Mbembe, 2013)<sup>1</sup>

No horizonte das chamadas artes visuais, mais especificamente em relação à produção contemporânea, as noções de “território”, “fronteira” e “trânsito” são evocadas frequentemente para tratar de posicionamentos críticos em relação a

<sup>1</sup>MBEMBE, Achille. Existe um único mundo apenas. In: BORDAS, Maria Anges (org.). *Caderno SESC\_Videobrasil: geografias em movimento*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, n. 9, 2013, pp. 45-63.

determinações espaciais entre a esfera pública e a esfera privada, das relações de poder e exclusão em territórios urbanos, dos tratados políticos de fronteira, de fluxos migratórios, de exílios e outras situações geopolíticas. Na perspectiva da reflexão sobre os processos criativos, essas noções podem operar como metodologias no trânsito entre linguagens e mídias, na porosidade das fronteiras de categorias artísticas, na justaposição entre teoria e prática, ou ainda na reconstituição permanente do próprio território de arte.

Buscando reunir um apanhado diversificado de reflexões sobre esses assuntos tão caros à nossa experiência do viver contemporâneo, o dossiê “Geografias sensíveis: paisagens, territórios, fronteiras” traz artigos escritos por pesquisadores do campo das artes e áreas afins, igualmente inquietos em relação a tais aspectos do mundo atual, que buscam problematizar a percepção de fenômenos sócio-espaciais operada pela prática artística desde pelo menos os anos 1960, na evidência das relações entre paisagem, abordada como uma construção do sujeito em trânsito, território, como a soma de acontecimentos, e fronteira, como fragmentos da realidade, metafórica e fictícia.

Motivado por sua experiência curatorial à frente do Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia desde 2015, e mais especificamente sobre a exposição organizada em torno do artista e paisagista Burle Marx em 2018, o artigo de Cauê Alves parte do jardim do museu projetado por Burle Marx para sinalizar a conexão entre natureza e arquitetura, entre natureza e o ambiente urbano, presente na concepção daquele projeto. A partir desta conexão, Alves põe em diálogo a produção de outros artistas, modernos e contemporâneos, com o pensamento ambientalista e transdisciplinar do modernista, revelando diferentes formas se operar a noção de paisagem no contexto urbano.

O artigo *Territórios inexatos: paradigmas de espacialidade na arte conceitual* de Fábio Visnadi aponta uma diversidade de propostas associadas à temática do espaço dentro da arte conceitual, dando destaque a duas obras: *Le socle du monde* de Piero Manzoni e *The space between pages 29 & 30* de Robert Barry. Sobre a primeira, o autor aponta a visibilidade de um espaço imenso sugerido pelo plinto de Manzoni, sendo uma obra conceitualmente real, e a contrapõe à proposta de Barry, que apresenta-se como um espaço existente somente como conceito semântico impossível de ter um existir visível, ou mesmo de ser imaginado na mente do espectador. Visnadi, ao longo do texto, procura revelar as inquietações associadas ao espaço na arte conceitual destacando uma série de obras que compõem um rico processo de diálogo e questionamento, ressaltando pontos que as aproximam ou as diferenciam. Ao longo do texto, mostra as sutilezas e provocações presentes nessas propostas artísticas.

Uma área da cidade do Porto em Portugal é o espaço definido dentro de percursos estabelecidos pela autora e artista Aurora dos Campos que convida grupos de pessoas, em três momentos, a se deslocarem andando entre sua casa e a creche de sua filha. Um trecho marcada pela rotina do dia a dia da própria artista torna-se tema de um caminhar lúdico e provocador aos que deles participam. O artigo *Três percursos e um desvio para um mesmo fim - propostas para experienciar a cidade* de Aurora faz um relato desta experiência de uma “geo-poética” performativa do cotidiano.

A obra de uma jovem poeta é o tema do artigo *Uma geografia sensível a um centro: as poéticas de Marília Garcia na paisagem da poesia contemporânea brasileira* de Ana Paula Grillo El-Jaick. Nele, a autora mostra como o *deslocamento* apresenta-se como um procedimento poético que perpassa muitos poemas de Garcia ao transformar suas viagens por diversos lugares, seja pelas ruas de uma cidade brasileira, o cruzar de pontes, permanências transitórias por aeroportos ou países como tema presente em sua produção poética. Às experiências de transitar em espaços diversos se juntam um deslocar também entre idiomas ao incorporar outras línguas, além do português, dentro de seus poemas.

A partir de sua obra sonora *O discreto charme da Democracia*, a artista Nikoleta Kerinska constrói uma análise sobre o processo criativo da obra a partir da ideia central do mapa. No artigo *Mapas, fronteiras e outras criaturas indomáveis em busca de identidade*, Nikoleta aponta o mapa elemento base de representação geográfica, como fonte temática de inspiração de diversos artistas e como elemento aglutinador de três importantes curadorias associadas à temática cartográfica realizadas no Brasil. Os mapas revelam espaços reais, mas como a artista demonstra, podem ser a fonte que ajuda a evocar o passado sobre lugares cujas fronteiras se transformaram como as que continham os países da cortina de ferro, como a Bulgária, sua terra natal. Nesse recordar de sua infância e juventude, a artista mixa um conjunto de sons e falas que ligam fatos econômicos e sociais anteriores à queda do bloco soviético com fatos que acontecem em seu país hoje. A nova ordem conduzida pelo “discreto charme da democracia”, frase que dá nome a sua obra, associada às contradições do livre mercado, esbarra numa sociedade que se estruturava em uma economia de base socialista.

A obra *Centro di Permanenza Temporaneo* do albanês Adrian Paci é o foco de discussão de Pedro Massena no *Made in transit: Politics and Representation in Adrian Paci, Contemporary Art and the Migration Issue*. A contemporaneidade e a representação de homens e mulheres desprovidos de uma cidadania em seu processo de migração e desterro apresentam-se a partir de ideias de Giorgio Agamben e do conceito de vida nua. A partir da obra de Paci, o autor discute e tensiona as propostas artísticas que lidam com componentes da realidade articulando questões sociais e políticas, mas que podem incorrer em anestesia de sentidos que permitem levar a leituras contidas ou provocadoras.

*Olhar e não ser vista: considerações sob/sobre o in-visível* traz as inquietações que a pesquisadora artista Carolina Ferreira de Sá Moraes viveu ao longo de 2019 quando realizou a ação performativa de não se olhar em qualquer forma de espelho. Assim, o não poder se ver torna-se um ato de auto-imposição que, ao longo desse período, a faz questionar o sentido da imagem espelhada e as fronteiras que separam e delimitam espaços. As fronteiras criam identidades e provocam leituras de proximidade ou de afastamento. Fronteiras que podem conter porosidade entre lugares físicos e se convertem em inquietações de uma artista que procura escapar da própria imagem. O processo de embate consigo mesma, exposto no texto, é acompanhado da abordagem de diferentes experiências de outros artistas que permitem aproximações a outras reflexões sobre o ver e o não ser visto.

Além dos artigos, o dossiê também inclui uma entrevista com a artista

Georgia Kyriakakis, a qual empresta uma imagem da obra de sua autoria para a capa desta edição. Baiana de nascimento, Georgia viveu e cresceu na capital paulista, onde construiu sua carreira como artista e como professora universitária. A partir dos anos 1990, passa a se interessar pela materialidade do mundo, explorada através dos objetos cotidianos, do comportamento da matéria artística e das forças implicadas nos corpos em relação ao espaço. No encontro realizado em seu ateliê em São Paulo, falou sobre sua formação, sobre como a geografia entrou no seu trabalho de arte, sobre a(s) fronteira(s) existente(s) entre obra e mundo e sobre o sentido do fazer artístico hoje.

O dossiê "Geografia Sensíveis" encerra-se com o ensaio visual *Conversas de Refugiados* criado por Rodrigo Freitas. A força expressiva da pintura do artista é base para uma reconfiguração de imagens, textos e pensamentos associados à busca por refúgio dos diversos migrantes que transitam pelo planeta. A proposta é um diálogo com o texto de Bertolt Brecht de 1961 - que dá nome ao ensaio - e mostra sombras humanas a se deslocarem em paisagens diversas, evidenciando que um passado recente continua a existir nos dias de hoje.

Ronaldo Macedo Brandão é professor efetivo do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia desde 2017. Doutor em Arte e Design pela Universidade do Porto/Portugal (2015). O título foi revalidado em 2016 pela Universidade Federal de Minas Gerais como Doutor em Arte. Mestre em Arte pela Universidade de Campinas (2001). Graduado em Artes Plásticas (Pintura e Fotografia) pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2010). Possui licenciatura (1991) e graduação (1989) em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Artista pesquisador em artes visuais. Desenvolve pesquisa teórica e prática em arte contemporânea voltadas às questões sobre fronteiras territoriais associadas a demarcação e formas de ocupação. Sua produção artística apresenta trabalhos de pintura, desenho, escultura, fotografia, vídeo performance, vídeo, instalação, vídeo-instalação e *site specific*. Tem exposições realizadas em espaços no Brasil e exterior como: Galeria SESC Paulista - São Paulo, Museu de Arte de Americana - São Paulo, El Museo Del Barrio (Nova York, Estados Unidos), Galeria de Arte do Museu da Faculdade de Belas Artes do Porto - Portugal. Portfólio digital: <http://ronaldomacedobrandao.blogspot.com.br>.  
<http://lattes.cnpq.br/9406566424585415>

Tatiana Sampaio Ferraz é doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo da FAU-USP em 2018, com projeto de pesquisa financiado com bolsa Capes. Mestre em História da Arte pelo Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP (2006). Bacharel em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da Unesp (2000). Paralelamente, cursou Arquitetura e Urbanismo na FAAP (1996-1998) e na Escola da Cidade (2002-2007). É Docente de Escultura do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia desde 2016. Como artista, desenvolve um trabalho voltado principalmente para a questão urbana, operando na interface entre arte, arquitetura e urbanismo, a partir de diversas linguagens, como objetos, instalações e intervenções. Já expôs em espaços no Brasil e no exterior, a exemplo de: CCB-BRJ e CCB-SP, Itaú Cultural-SP, CCCB (Barcelona), Pablo's Birthday Gallery (NY), Museu Victor Meirelles (Florianópolis), SESC Pinheiros (SP), SESC Ribeirão Preto, Galeria Anita Schwartz (RJ), CCBN (Fortaleza), Fundaj (Recife), MARP (Ribeirão Preto), Galeria Casa Triângulo (SP), CCSP (SP) e Ateliê 397 (SP). Possui portfólio eletrônico <https://tferraz.wordpress.com/> e um blog <https://escritosemandamento.wordpress.com/>. Além da prática artística e da docência, tem experiência nas áreas de catalogação de obras e organização de acervos, bem como edição de publicações especializadas e catálogos de exposições.  
<https://orcid.org/0000-0002-4444-2121>  
<http://lattes.cnpq.br/7418850625833514>